

## A construção do Paraíso

Euclides da Cunha, Amazônia e o futuro da nação que não foi

**Wagner Santos de Barros**

---



### **Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/308>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.308

ISSN: 2316-7793

### **Editora:**

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### **Edição impressa**

Data de publicação: 1 Julho 2000

ISSN: 1519-1265

### **Referência eletrónica**

Wagner Santos de Barros, « A construção do Paraíso », *Terra Brasilis* [Online], 2 | 2000, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 25 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/308> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.308

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 Abril 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# A construção do Paraíso

Euclides da Cunha, Amazônia e o futuro da nação que não foi<sup>1</sup>

Wagner Santos de Barros

---

- <sup>1</sup> Em 1905, Euclides da Cunha partia para a Amazônia chefiando a equipe brasileira da Comissão Mista Brasileiro-peruana de Reconhecimento do Alto Purus, encarregado da demarcação de pontos de fronteira entre o Brasil e Peru nas cabeceiras deste rio, e da responsabilidade de fazer imperar os desejos do Estado brasileiro em relação ao território amazônico. À frente dos trabalhos, o compromisso de Euclides com sua missão se apresenta como um desdobramento de uma série de considerações e pesquisas que o escritor vinha fazendo sobre o território amazônico, sua ocupação e seu papel histórico e geográfico na formação e no futuro da história do Brasil. Seu intento: a execução de uma obra que fosse tão marcante como *Os sertões*, que lhe possibilitasse se libertar da acusação de escritor de apenas um livro. Sua morte súbita, quando ainda na elaboração deste livro, legou-nos textos esparsos que seriam compilados sob o nome de *À margem da história*. Somam-se a eles os artigos publicados em outras obras, seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, os relatórios sobre a comissão, e nota-se que a Amazônia veio ocupar a obra do autor de forma central entre a publicação de *Os sertões* e sua morte. Em 1905, Euclides da Cunha partia para a Amazônia chefiando a equipe brasileira da Comissão Mista Brasileiro-peruana de Reconhecimento do Alto Purus, encarregado da demarcação de pontos de fronteira entre o Brasil e Peru nas cabeceiras deste rio, e da responsabilidade de fazer imperar os desejos do Estado brasileiro em relação ao território amazônico. À frente dos trabalhos, o compromisso de Euclides com sua missão se apresenta como um desdobramento de uma série de considerações e pesquisas que o escritor vinha fazendo sobre o território amazônico, sua ocupação e seu papel histórico e geográfico na formação e no futuro da história do Brasil. Seu intento: a execução de uma obra que fosse tão marcante como *Os sertões*, que lhe possibilitasse se libertar ela acusação de escritor de apenas um livro. Sua morte súbita, quando ainda na elaboração deste livro, legou-nos textos esparsos que seriam compilados sob o nome de *À margem da história*. Somam-se a eles os artigos publicados em outras obras, seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, os relatórios sobre a comissão, e nota-se

que a Amazônia veio ocupar a obra do autor ele forma central entre a publicação de Os sertões e sua morte.

- 2 Em Os sertões, Euclides concentra-se em uma descrição do sertanejo como elemento matriz de uma possível nacionalidade futura para o Brasil. Uma essência ainda não amadurecida de todo. Fruto de uma condição ímpar de desenvolvimento em território brasileiro, proporcionada por seu isolamento geográfico no sertão, o sertanejo pode se distinguir do litoral pela pouca miscigenação sofrida no decorrer da história. De forma aparentemente contraditória, o sertanejo tende a desaparecer com contato com outras partes do país, como no caso ele Canudos, o que condenaria nossa eventual essência nacional a uma impossibilidade de realização irreduzível. Os sertões de certa forma se encerra em um impasse: como desenvolver um potencial de nacionalidade étnica, no caso a população sertaneja, se seu isolamento já não se mantém?
- 3 Ao se dedicar aos estudos sobre a Amazônia anos mais tarde, Euclides da Cunha já começa a apontar para a região como espaço privilegiado para uma civilização futura, fruto de um desenvolvimento da nacionalidade brasileira. Ao invocar a Amazônia como espaço da civilização do futuro, Euclides não inaugura nenhuma nova concepção acerca dela, apenas se deixa seduzir por toda uma série de reflexões que já vinham desde o século XVI, dotando a América, e neste caso mais especificamente a Amazônia, de singulares características frente ao resto da esfera terrestre. Como no caso de Buffon, que enxergava a América como possuidora de uma natureza hostil, que submetia o homem a seu controle. Para Antonello Gerbi (1996), Buffon marca um momento aonde a discussão sobre a originalidade da América toma moldes de discurso científico, estabelecendo um espaço privilegiado para a disseminação da degradação do ambiente e do homem americano. Após ele, a discussão se estende e permanecerá presente na reflexão dos maiores autores do final do século XVIII e XIX, como Goethe, Lineu, Herder, Kant entre outros, até culminar nas concepções opostas de Hegel e Humboldt, e mais tarde sofrer uma desvalorização enquanto questões científicas. As várias considerações destes autores podem ser identificadas como formadoras da visão de mundo dos diferentes viajantes que visitaram a Amazônia como Martins, Bates, Agassiz, Hartt, entre outros como o próprio Humboldt, que percorreu boa parte da Amazônia e outros lugares do mundo inteiro. Para não citar Charles Darwin, já afamado no século XVIII, pela publicação de A origem das espécies.
- 4 Ao adentrarmos nos textos de Euclides sobre a Amazônia, se torna essencial a referência aos viajantes, principal apoio utilizado pelo mesmo em sua análise. Através de seus textos, os relatos dos viajantes adquirem um novo perfil, devido ao novo espaço de significações a que estarão submetidos. O que se nota como impressão inicial que nos é passada pelo autor, nos textos de À margem da História, é uma crítica profunda a estes escritos, resumindo-os a "geniais escritores de monografias" (1995:27) devido à ausência de unidade que estas obras teriam em respeito à Amazônia. A literatura sobre a Amazônia refletiria a própria constituição da região: dispersão, inconstância e inexatidão. Mais que isso, a desconformidade da terra ocasionou uma hipertrofia da imaginação na maioria destes autores, permitindo que a fantasia superasse as induções científicas. Impossibilitado de realmente conhecer a região através da obra destes escritores, se coloca a seguinte questão: qual o saber necessário para a devida compreensão da Amazônia? Abordando a questão de forma introdutória, recorremos a uma citação do autor de À margem da história, já mencionada em obra de Flora Sussekind:

"Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que sobressalteia geralmente diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio é um desapontamento. A massa de águas é, certo, sem par, capaz daquele terror a que se refere Wallace; mas todos nós desde mui cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente líricas dos não sei quantos viajantes que desde Humboldt até hoje contemplaram a Hyloe prodigiosa, com um espanto quase religioso - sucede um caso vulgar de psicologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemos-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada. Além disto, sob o conceito estritamente artístico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em imagens capazes de se fundirem harmoniosamente na síntese de uma impressão empolgante, é de todo em lodo inferior a um sem-número de outros lugares do nosso país" (CUNHA, 1995:249).

- 5 Apesar de longo, não cortei nenhum trecho deste parágrafo, assim como citado por Sussekind (1990:32), devido a riqueza de referências que há nele. Em primeiro lugar, a construção inicial aonde relata-se a grandiosidade de uma decepção: um 'desapontamento' que 'sobressalteia' no desembocar de um 'dédalo florido'. Depois, a origem de tal teor de desapontamento: a criação de uma Amazônia 'subjetiva' no ideário de uma coletividade (gizamos uma Amazônia ideal) formada pela influência da 'lírica' de várias gerações que a descreveram, tendo Humboldt como representante mais ilustre. Consciente da 'figuração utópica' que se agregou a aquele ambiente, Euclides tenta se localizar em um lugar aonde poderia se furtar desta 'imagem subjetiva', sem se deixar levar completamente pelo objeto descrito.
- 6 Ao recusar o lirismo de certos autores, uma outra condição de validade começa a se introduzir pelas camadas de seu texto. Se não a Humboldt, a outros viajantes Euclides recorrerá de forma a assegurar a eficácia de sua concepção histórica da Amazônia. Na mesma página da qual foi extraída a citação anterior, o autor introduz urna guinada na sua relação com os estudiosos da região. Ainda no Pará, Euclides se encontra com Emílio Goeldi, 'neto espiritual de Humboldt' e Jacques Huber, botânico inglês. Do contato com estes homens, e da leitura madrugada adentro de urna monografia deste último, relata o escritor uma transformação completa em sua forma de perceber o ambiente, ao deparar-se de novo com o Amazonas no dia posterior: "Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira". Agora Euclides se deparava com "uma página inédita e contemporânea do Gênesis" (CUNHA, 1995:230).
- 7 A invalidade de Humboldt como parâmetro de discurso sobre a Amazônia se dava anunciado ainda quando da formação da idéia de um livro sobre a Amazônia, como demonstra carta a Artur Lemos de 1905:
 

E se realmente conseguir escrever o livro anunciado, não lhe darei título que se relacione demais com a paragem onde Humboldt aventurou as suas profecias e onde Agassiz cometeu os seus maiores erros. Escreverei Um paraíso perdido ... (GALVÃO e GALLOTI, 1997).
- 8 Aqui, os maiores erros de Agassiz vem se somar às profecias de Humboldt, e em trecho muito parecido ao primeiro citado, quando de sua posse na Academia Brasileira de Letras, outros acompanham o mesmo tratamento de descrédito. A imagem, outra vez, é a da chegada à foz do Rio Amazonas, no Pará, e a figuração se mantém próxima a da surpresa do descontentamento.

"Mas contra o que me esperava não me surpreendi ... Afinal o que prefigurara grande era um diminutivo: o diminutivo do mar (...) urna espécie de naufrágio da terra, que se afunda e braceja convulsivamente nos esgalhas retorcidos dos mangues ... (...) Calei um desapontamento; e no obstinado propósito de achar tudo aquilo prodigioso, de sentir o másculo lirismo de Frederico Hartt ou as impressões

'gloriosas' de Walter Bates, retrai-me a um recanto do convés e alinhei nas folhas da carteira os mais peregrinos adjetivos(...)para ao cabo desse esforço rasgar as páginas inúteis."

- 9 Mesmo tentando se vestir das sensações que geraram o ' másculo lirismo' de Hartt e as 'impressões gloriosas' de Bates, o escritor não consegue senti-las de forma a transpareciá-las em sua escrita. Raivoso, a passagem ocorre como um ato de ruptura, de desligamento de um universo de referências à Amazônia. Tomemos mão de urna pequena análise de alguns os destes autores, começando pelos dois citados na passagem.
- 10 Charles Frederic Hartt foi aluno dileto e discípulo de Agassiz. Seu livro Geologia e Geografia do Brasil é dedicado ao professor, com quem veio ao Brasil em 1865 na Expedição Thayer. Mais tarde retornaria por seus próprios custos, publicando sua obra em 1870. Apesar de discordar em pequenos pontos das teorias de Agassiz, Hartt concorda em questões básicas de sua construção teórica:

"Minhas conclusões, em resumo, não afetam sua teoria sobre a antiga existência de geleiras sobre os trópicos, abaixo do presente nível do mar:- teoria que sustento tão firmemente como ele" (HARTT, 1941:532-33).
- 11 Não só com Agassiz, mas também com Humboldt a relação é de aproximação:

"As montanhas de Venezuela e Guiana são em grande parte compostas de gnaiss similar ao do Brasil, e perturbados pelo mesmo sistema de soergimento como foi observado por Humboldt, D'Orbigny, Agassiz, e outros, e esta área de gnaiss, limitando setentrionalmente o vale amazônico, foi sem dúvida uma ilha no começo da era paleozóica. As montanhas do Brasil formavam uma outra ilha" (Id., ibid.).
- 12 As idéias de Haru, de que a Amazônia, em um passado nem tão remoto, fosse inundada como uma ilha, já havia sido aventada por Humboldt e Agassiz (GERBI, 1996:416).
- 13 Uma questão se coloca como central nessas discussões: a juventude e a velhice da América. Como desdobramento surge o questionamento da capacidade de adaptação, sobrevivência e desenvolvimento do indígena e a idade de sua presença no continente. O problema que se avanta para as populações daquela região era de uma possível decadência devido à não adequação ao meio.
- 14 Para estes autores, tanto a América como a Amazônia, não seriam de ocupação mais recente que o resto do mundo, podendo ainda possuir laços de herança com épocas de grande riqueza e civilização. Vejamos agora a posição de Henry Walter Bates.
- 15 Bates passou mais de dez anos na Amazônia, em urna vila de maioria indígena, caçando, pescando e convivendo de forma animada com eles. Em sua concepção, a ocupação indígena da Amazônia vinha de uma migração antiga de povos de outro continente, ainda, talvez, na época da proximidade entre os continentes. Encerrados naquela região, isolados do mundo, o autor se aproxima de urna conclusão próxima à antiga decadência dos povos americanos, como quando narra sobre um diálogo seu com o índio Vicente:

"Em todos os outros assuntos, que não estão ligados às necessidades comuns da vida, o espírito de Vicente era uma folha em branco (...). Poderia ser de qualquer outro modo numa comunidade de qualquer raça humana, isolada durante séculos na solidão como a dos índios amazônicos, associados em pequeno número, inteiramente ocupados a procurar a subsistência e sem linguagem escrita ou classe desocupada que transmitisse os conhecimentos adquiridos de geração em geração" (BATES,1943:154).
- 16 Para Bates, entre os principais problemas ocorridos na ocupação amazônica estão o clima diferente e maléfico com que os povos migrantes se depararam, o isolamento dos povos devido às condições da região, e por decorrência, a impossibilidade de formação de

grandes núcleos sociais. Impossibilitados de desenvolver abstrações, são uma tabula rasa que não responde aos estímulos exteriores através da produção de cultura. Mas, ligado a uma atitude humanista e lírica, como diria Euclides, o maior problema da existência indígena na opinião do naturalista era o contato com o branco e seu extermínio em andamento. Inadequados ao clima e fadados a um contato que os corrompe, resta aos índios a miscigenação como melhor forma de escapar ao extermínio completo, tornando-os civilizados quando possível, já que estes ainda são o maior impedimento à civilização da região (OLIVEIRA FILHO, 1987:171).

- 17 Em um sentido mais amplo, podemos notar que haveria discordâncias entre Bates e Euclides da Cunha que vão além da negação do lirismo com 'impressões gloriosas' de sua narração. A questão de Euclides se posiciona em uma necessidade de recusa da natureza e do indígena como dados positivos a serem conservados em sua forma natural, ou como homens a quem se deve levar a civilização. A legitimidade sobre a ocupação do território só pode ser efetivada, dentro de seu discurso, através da superação do homem às condições desfavoráveis do meio, leia-se, a superação da natureza, incluindo o indígena como um elemento desta. Mais que isso, se aqueles povos que ali se situavam eram fruto de uma experiência de degradação, eles poderiam ser considerados derrotados na relação de confronto com a natureza e na competição das espécies. No quadro da luta entre as espécies para sobreviver, aqueles povos eram a demonstração de uma vitória do meio sobre o homem, estando fadados ao desaparecimento inevitável em breve. O que se estabelece são graus diferenciados de adaptabilidade ao meio, sendo o índio o menos adaptado, quando comparado com o caucheiro, mesmo o peruano, que se impõe quase como uma primeira figura heróica na conquista da floresta, e mais tarde com o jagunço sertanejo, elemento privilegiado no desenvolvimento do autor, devido sua alta condição de superação da natureza. No confronto destes diferentes grupos o índio se aproxima da natureza, enquanto o seringueiro e o sertanejo são um primeiro momento de inserção de um processo civilizatório na região:

" E os caucheiros aparecem como os mais avantajados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naqueles sertões remotíssimos os mais interessantes aborígenes sul-americanos" (CUNHA, 1995:65).

- 18 Se aqui o autor sugere que os índios são vítimas desse processo aculturador, mais tarde seus agressores serão representados como heróis, como quando fala da forma que eles se aproximam dos índios bravios:

"Há, realmente, neste lance, um traço comovente de heroísmo. O homem perdido na solidão absoluta vai procurar o bárbaro, levando a escolta única das 18 balas de seu rifle carregado" (CUNHA, 1995:67).

- 19 A diferença que se apresenta é determinada pela consideração dos diferentes elementos que disputam a região dentro de paradigmas evolucionistas, aonde paulatinamente os melhor preparados para a existência inóspita da floresta vão sobrevivendo enquanto os menos preparados seguem um caminho natural em direção à extinção. O meio amazônico e seu clima, em À margem da história, diferente de como foi analisado em Os sertões, vai se revelar não como um impedimento ao desenvolvimento de condições humanas de sobrevivência e civilização, como pensado por Bates ou Hartt, e sim como um selecionador dos mais fortes, um obstáculo que impede a existência futura de raças e espécies fracas, destinando ao cenário ainda incompleto a soberania do ator que venceu a competição natural.

---

## BIBLIOGRAFIA

- AGASSIZ., Louis (1983). Viagem ao Brasil. Coleção Brasileira. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- BATES, Henry Walter. (1943). Um naturalista no rio Amazonas. Coleção Brasileira, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- CUNHA, Euclides da (1995). Obras completas, vol. I e II. Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- DARWIN, Charles (1996). O Beagle na América do Sul. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (1987). "Os atalhos da magia: reflexões sobre o relato dos naturalistas viajantes na etnografia indígena" in Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia, 3(2). Belém.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. e GALLOTI, Oswaldo (1997). Correspondência de Euclides da Cunha. São Paulo, EDUSP.
- GERBI, Antonello (1996). O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900). São Paulo, Cia. das Letras
- HARTT, Charles Frederic (1941). Geologia e geografia do Brasil. Coleção Brasileira. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- HUMBOLDT, Alexander von (1989). Viaje a los regiones equinociales del Nuevo Continente. Madrid, Ayala.
- LIMA, Luis.Costa (1989a). Terra ignota: a construção de Os sertões. Rio de Janeiro, Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1989b). O controle do imaginário. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- SUSSEKIND, Flora (1990). O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem. São Paulo, Cia das Letras.

## NOTAS

1. Trabalho apresentado no I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. Rio Claro (SP), 09-12 de dezembro de 1999
- 

## ÍNDICE

**Índice geográfico:** Amazônia

**Índice cronológico:** 1905

## AUTOR

**WAGNER SANTOS DE BARROS**

Mestre em História Social da Cultura (PUC-Rio).

[wagsan@ig.com.br](mailto:wagsan@ig.com.br)